



A onomástica em destaque: da sincronia à diacronia

The Onomastique: From Synchrony to Diachrony

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
candidaseabra@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-4827-0635>

Resumo: A pesquisa onomástica é de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo, pois permite identificar fatos linguísticos, ideologias e crenças presentes no ato denominativo e, posteriormente, na sua possível permanência em uma comunidade. A partir da premissa de que se trata de uma pesquisa que colabora para a preservação da memória de uma sociedade, constituindo marcas identitárias, propõe-se apresentar os estudos que se inserem nessa área, desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nos primeiros vinte anos do século XXI. Destacam-se diferentes olhares sob variados objetos de pesquisa voltados ao estudo do nome próprio, observados em perspectivas sincrônica e diacrônica.

Palavras-chave: onomástica; toponímia; cultura; sincronia; diacronia.

Abstract: The Onomastic research is of great importance for the knowledge of historical and cultural aspects of a people, as it allows the identification of linguistic facts, ideologies and beliefs present in the denominational act and, later, in its permanence or not in a community. Based on the premise that it is a research that contributes to the preservation of a society's memory, constituting identity marks, it is proposed to present the studies that fall within this area, developed within the scope of the Graduate Program in Linguistic Studies at the Faculty of Letters at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), in the first twenty years of the 21st century. Different views stand out, under various research objects about the study of the proper name, observed in synchronic and diachronic perspectives.

Keywords: onomastics; toponymy; culture; synchrony; diachrony.

1 Introdução

O interesse pelos estudos onomásticos remonta à Antiguidade, quando surgem as especulações filosóficas sobre o nome, tendo como destaque Platão (428 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.). Em *Crátilo*, diálogo de Platão, no qual se trava um debate sobre questões linguísticas, Sócrates e Crátilo conversam sobre a “virtude e falibilidade dos nomes”, enquanto mostram que as palavras refletem a realidade:

SÓCRATES: [...] que virtude têm os nomes para nós e que bom efeito lhes devemos atribuir?

CRÁTILLO: A mim, Sócrates, parece-me que eles instruem, e isto de um modo bem simples; de sorte que quem conhecer os nomes conhece também as coisas. (PLATÃO (1963, p. 147)

Por sua vez, Aristóteles, tendo também se dedicado ao estudo da lógica, acreditava que o significado das palavras era algo convencional, acordado entre os homens. Contudo, foi só no período helenístico, a partir de Dionísio da Trácia (170 a.C.-90 a.C.), primeiro gramático grego, que começou a distinção dos nomes (próprios e comuns). Naquele momento a gramática já era uma disciplina independente da lógica e da filosofia. De acordo com Ullmann (1977, p. 151), no século II a.C., Dionísio resumiu a diferença entre o nome próprio e o substantivo comum nos seguintes termos:

Um nome é uma parte declinável da oração que significa um corpo ou uma atividade, um corpo como “pedra” e uma atividade como “educação”, e que pode ser usada tanto comumente como individualmente; comumente como “homem”, “cavalo”, e individualmente como “Sócrates”. Noutro passo, o mesmo escritor define um nome próprio como aquele que significa um individual, como “Homero”, “Sócrates”.

Nomeado pelas gramáticas como “substantivo próprio”, “porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 172), entende-se que os nomes próprios integram um campo muito mais amplo da língua: eles ampliam o significado ao mesmo tempo que o particularizam, constroem identidades e consciências. Por sua vez, ao “substantivo comum”, um nome geral, de caráter coletivo, cabe a designação genérica, “porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes”,

conforme apontam Cunha e Cintra (1985, p. 172). Desse modo, rio é um nome genérico, designando uma corrente hídrica que vem a receber um nome próprio, com o objetivo de individualizá-lo, como Doce, Grande, Preto, Bonito, Gualacho, distinguindo-se, assim, de outras correntes hídricas de outros espaços geográficos. Em se tratando de pessoas, o nome individual ou singular (MILL, 1882, II, § 3) distingue, em uma sociedade, um indivíduo de outro: José, Beatriz, Carlos são nomes próprios que se referem a pessoas distintas.

Ainda que a designação genérica se remeta ao mundo real ou imaginário, é consensual que a todo substantivo comum não necessariamente cabe uma designação individual (ARISTÓTELES, 1996), ou seja, um nome próprio; entretanto, essa designação específica ou individual tem chamado a atenção de estudiosos, desde a Antiguidade, principalmente quando se refere à nomeação de pessoas e lugares.

2 A onomástica

Mesmo remontando à Antiguidade, quando se analisa o percurso dos estudos onomásticos, pode-se observar que “a ciência dos nomes próprios” se manteve, por longo tempo, à margem das pesquisas sobre a linguagem, indiferente ao desenvolvimento das importantes orientações teóricas da linguística. É no final do século XIX e no início do XX que o estudo do nome próprio volta a se destacar, a partir das pesquisas do filólogo português Leite de Vasconcelos.

Em 1928 Leite de Vasconcelos estabeleceu conceitos e classificações acerca da ciência do nome próprio no seu manual *Antroponímia portuguesa*, em que se ocupou dos antropônimos de Portugal desde a Idade Média. Sobre o termo “antroponímia”, o autor já o havia proposto e empregado em 1887, na *Revista Lusitana*. No manual de 1928, destaca:

Temos como se vê, muitas espécies de “nomes próprios”. A secção da Glotologia que trata d’eles (origem, razão de emprego, forma, evolução, etc.), convieram os filólogos em a designar por “Onomatologia”, que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundárias: 1) Estudo de nomes locais, ou “Toponímia”, na qual se inclui igualmente o elemento líquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos que dão freqüentemente nomes a sítios (a

“Toponímia” é pois Onomatologia geográfica). 2) Estudo dos nomes de pessoas, ou “Antroponímia”, expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na “Revista Lusitana”, I, 45. 3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: “Panteonímia” (de pantóios, que quer dizer “de toda a espécie”, “variado”). No estudo dos nomes de seres sobrenaturais nada nos impede de chamar “Teonímia” (Theonymia) ao dos nomes de deuses. (LEITE DE VASCONCELOS, 1928, p. 57)

No Brasil, são as definições dadas por Dauzat (1951) que têm orientado os estudos atuais sobre a questão do nome. Segundo esse linguista, “*antroponímia* é a ciência dos nomes de pessoas (*antropônimo*, nome de pessoa); *toponímia*, a ciência dos nomes de lugares (*topônimo*, nome de lugar). E a *onomástica*, a união dessas duas ciências (termo empregado, às vezes erroneamente, como sinônimo de antroponímia)”. Raros têm sido os estudos de “vários outros nomes próprios”, que dizem respeito à terceira disciplina citada acima na divisão de Leite de Vanconcelos (1928).

Ao lado dos termos tradicionais – toponímia e antroponímia – encontram-se, em diversos trabalhos de pesquisas no Brasil e no exterior, desde 2011, os termos toponomástica e antroponomástica (HOUGH, 2016, p. 3), que integram uma lista de termos onomásticos importantes recomendados pelo International Congress of Onomastic Sciences (ICOS 2011).

Contemporaneamente, os termos toponímia/toponomástica e antroponímia/antroponomástica vêm, cada vez mais, sendo empregados de maneiras distintas, podendo-se, assim, serem resumidos em:

- Toponomástica – disciplina que estuda os nomes próprios de lugares;
- Toponímia – conjunto de nomes próprios de lugares (diz respeito ao conjunto de dados toponímicos selecionados para estudo);
- Antroponomástica – disciplina que estuda os nomes próprios de pessoas;
- Antroponímia – conjunto de nomes próprios de pessoas (refere-se a uma seleção de dados antroponímicos escolhidos para estudo).

3 Pesquisas em onomástica: da sincronia à diacronia

A onomástica é uma área que se integra à lexicologia. Contudo, devido ao seu caráter interdisciplinar, relaciona-se a outros campos do

saber, podendo-se citar, dentre muitos outros, a geografia, a história, a antropologia, a genealogia. Por ser um ramo da lexicologia, área da linguística que descreve e analisa o léxico, que “estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança” (BARBOSA, 1990, p. 157), a onomástica, assim como o léxico geral de uma língua, é constituída historicamente, influenciada pelos costumes e normas sociais de um povo.

Sabemos que múltiplos podem ser os olhares do pesquisador voltados ao estudo do nome próprio, já que a onomástica permite que esses estudos possam ser observados em perspectivas sincrônica e diacrônica. Neste texto, temos como objetivo principal apresentar os estudos que se inserem nessa área, desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nos primeiros vinte anos do século XXI.

A partir da pesquisa que resultou em nossa tese de doutorado, intitulada “A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo” (SEABRA, 2004), deu-se início, neste século, aos estudos em onomástica na UFMG. Fundamentando-nos em pesquisa de campo, em material cartográfico e em documentos escritos de épocas passadas, procuramos descrever e explicar a permanência, a variação e a mudança de topônimos na região do Carmo, primeiro território de Minas a ter núcleo populacional.

Convidada pela professora doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, em 2004, passamos a integrar o Projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB-USP) e a coordenar sua variante regional, o Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG), hoje em sua fase cinco¹. Em 2012, com o afastamento da professora Dick de suas atividades acadêmicas, o Projeto ATEMIG se desvinculou do Projeto ATB, mas continuou a manter diálogos com os outros projetos que dele derivaram, como o Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul (ATEMS), o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO) e outros que surgiram posteriormente, como o Atlas Toponímico da Bahia (ATOBAH).

¹ Iniciada em 2019, a fase V do Projeto ATEMIG dá continuidade aos estudos toponímicos, principalmente em Minas Gerais, com enfoque em toponímia urbana, toponímia histórica, toponímia regional e atlas toponímico.

Com o objetivo maior de desenhar a realidade toponímica do país, esses projetos, variantes regionais do ATB, inicialmente surgiram com o ideal de confecção de atlas toponímicos. Posteriormente, com desenvolvimentos independentes em cada estado, expandiram-se e, mais do que a feitura de atlas, passaram, hoje, a constituir um dos caminhos possíveis para o conhecimento da língua e da cultura de comunidades locais e regionais que ocupam ou ocuparam determinados espaços geográficos.

3.1 Sobre as pesquisas toponímicas na UFMG

São onze os objetivos básicos que nos direcionaram nesses anos:

1. Constituir um Banco de Dados com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), correspondentes aos 853 municípios mineiros;
2. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos e indígenas, dentre outros;
3. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
4. Buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. Cartografar nomes de acidentes físicos e humanos do estado de Minas Gerais;
6. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado;
7. Analisar a toponímia de mapas antigos que remetem ao território mineiro;
8. Realizar estudos diacrônicos a partir dos dados coletados;
9. Construir glossários toponímicos;
10. Estudar os nomes de logradouros (bairros, ruas, praças, becos etc.) presentes em cidades mineiras;
11. Estudar a toponímia rural.

Dentre esses, os cinco primeiros referem-se ao direcionamento metodológico proposto por Dick para confecção de atlas toponímicos. O sexto e o sétimo objetivos foram propostos por nós, com o intuito de facilitar a construção de bancos de dados para a realização de estudos diacrônicos (oitavo objetivo). Temos, ainda, cumprido os objetivos nove e dez, elaborando glossários toponímicos e estudando nomes de ruas presentes em cidades mineiras. O décimo primeiro objetivo – estudar a toponímia rural – surgiu quando começaram a aparecer dados dessa natureza, algumas vezes percebidos em entrevistas orais realizadas no campo, e, outras, em documentos, podendo-se citar cartas de sesmaria, mapas locais e regionais, escrituras de terras e livros de registros de propriedades rurais a que tivemos acesso.

Podemos dizer que, nesses primeiros vinte anos do século XXI, as pesquisas em onomástica na UFMG iniciaram-se por análises de conjuntos de dados toponímicos, em perspectivas sincrônica e diacrônica.

Em sua primeira etapa, o ATEMIG fez o levantamento e a classificação toponímica de todos os acidentes físicos e humanos dos 853 municípios do estado, documentados em cartas geográficas, fontes do IBGE, com escalas que variam de 1:50.000 a 1:250.000, perfazendo até o presente momento um total de 85.391 topônimos. Desse número, sem contar os nomes de origem portuguesa, computamos topônimos de étimos:

- Indígena: 8.441 ocorrências
Exemplos: *buriti*; *pindaíba*
- Africana: 1.480 ocorrências
Exemplo: *caçamba*
- Híbridos: 2.281 ocorrências
Exemplos: *buriti grande* (tupi + português); *capão do cachimbo* (tupi + africano); *quilombo baixo* (africano + português); *pindaibão* (tupi + sufixo português); *monjolinho* (africano + sufixo português)
- Não classificados: 1.238 ocorrências
Exemplo: *manjonge*.

Enquanto construíamos esse banco de dados sincrônico, referente aos nomes de lugares presentes em mapas do IBGE, dávamos início aos estudos toponímicos (SEABRA, 2012, p. 305-315), utilizando a classificação taxonômica de Dick (1990, p. 31-34), mas partindo

de gravações orais, sob a luz da sociolinguística (LABOV, 1974). Salientamos que, por se tratar de um campo que envolve a “rede social”, já que os nomes de lugares não encontram expressão fora dela, a investigação toponímica deve, ainda, estar articulada a bases culturais, especialmente à antropologia linguística (DURANTI, 2000; HYMES, 1964) ou etnolinguística (LAPLANTINI, 1996) e a uma noção de léxico (BIDERMAN, 2001) que possibilite ao pesquisador trabalhar em conjunto com a história para, por meio de fatos, crenças e valores entrecruzados, tentar comprovar a verdade do nome.

Conforme propusemos, destacamos, a seguir, os trabalhos de cunho onomástico realizados no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG.

A dissertação de mestrado de Joara Maria de Campos Menezes, intitulada *O léxico toponímico nos domínios de dona Joaquina de Pompéu*, defendida em 2009, iniciou-se por gravações orais em uma antiga área de domínio dessa fazendeira² do alto São Francisco, reconhecida como grande colaboradora no desenvolvimento da pecuária em Minas Gerais, nos séculos XVIII e XIX. O estudo constatou que foi por meio dos topônimos de natureza física que o mundo rural do século XVIII e a figura lendária de dona Joaquina vêm sendo lembrados. Com o desmembramento das terras dessa matriarca mineira, novas fazendas foram sendo formadas, mas os topônimos, total ou parcialmente, se mantêm, evocando memórias.

Nessa mesma linha, acreditando que os nomes de lugares evidenciam características físicas e sociais de uma região, conduzindo o pesquisador à confirmação da influência do ambiente e da cultura na língua, investigando o homem, o ambiente, a cultura regional e a toponímia local, foi realizada a pesquisa *O léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória*, que resultou, em 2010, na dissertação de mestrado de Tatiana Martins Mendes. Tal como o trabalho de Menezes (2009), inicialmente foram observados dados de língua falada, coletados em entrevistas orais; em seguida, consultaram-se mapas antigos para coletar dados da língua escrita; e, finalmente, foram comparados dados do presente e do passado, objetivando observar casos de variação, mudança e retenção linguísticas. A pesquisa revelou um

² Joaquina Bernarda da Silva Abreu Castelo Branco Souto Maior de Oliveira Campos, ou dona Joaquina do Pompeú (1752-1824)

índice pouco significativo de casos de variação e mudança linguísticas, mostrando que a toponímia na região é bastante conservadora.

Há que se citar, ainda, não integrando o Projeto ATEMIG, a tese de doutorado de Joviano Gonçalves dos Santos, intitulada *O nome e o lugar: a toponímia na região central de Minas Gerais*³, defendida em 2012, cuja proposta foi estudar os nomes de lugares de uma região mineira conhecida por seu grande desenvolvimento, decorrente da presença de inúmeras fazendas, no século XVIII e XIX, para as quais afluíram fazendeiros vindos de Portugal, São Paulo, Bahia, dentre outros.

Observando, como nas pesquisas citadas, em um primeiro momento, dados de língua falada, coletados em gravações orais, dá-se início, no âmbito do Projeto ATEMIG, às pesquisas municipais com confecção de mapas temáticos. A dissertação *Língua e cultura do norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*, defendida por Monica Emmanuelle Ferreira de Carvalho, em 2010, teve como objeto de estudo os nomes de lugares referentes a um município localizado no norte de Minas Gerais, região que mantém importância histórica por sua localização estratégica durante o período de desbravamento do sertão mineiro nos séculos XVIII e XIX. O estudo discute a relação entre língua, cultura e sociedade, e mostra predominância de nomes de natureza física, tendo como motivação toponímica a vegetação local.

Por sua vez, com uma parte de topônimos extraídos de mapas do IBGE, constituindo nosso banco de dados sincrônicos, as pesquisas do Projeto ATEMIG voltam-se para as águas. É fato que para os toponimistas as águas, dentre elas, os rios, córregos, arroios, paranás etc., constituem objetos de pesquisa ímpares, conforme apontam Dick e SEABRA (2001, p. 65):

O sistema hidrográfico brasileiro encerra uma riqueza pronunciada de cursos d'água, seja na distribuição quantitativa como em extensão e em volume. São tantos os rios notáveis, tanto os pequenos meandros interioranos opostos aos grandes desaguadouros costeiros, tantas as características potamográficas traduzidas em nomes, como os chamados rios de águas negras, brancas, claras e azuis, que a população generaliza o seu termo genérico, nem sempre distinguindo uns dos outros com facilidade, se córrego, riacho ou ribeirão; tudo é rio, existindo em qualquer lugar. Mas há aqueles que só pertencem a certos sítios, porque

³ Pesquisa orientada por Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

tipificados pelo meio ou pelos contatos linguísticos nas fronteiras, como ocorre com os igarapés, paranás, corixos ou arroios, cada um deles revelando, em suas formas de expressão, as marcas de um grupo étnico distinto, ou uma determinada referência fáctica. Os objetos assim simbolizados, linguisticamente, caracterizam variações vocabulares locais, com um raio diatópico mais ou menos preciso. De qualquer modo, são frutos do meio que os conformou e possibilitou a sua historiografia onomástica.

Tendo como objetivo estudar os hidrônimos das localidades que compreendem o alto e médio Rio das Velhas, região que guarda profundos laços com a ocupação e a fixação do desbravador bandeirante em Minas Gerais, a dissertação de mestrado de Leticia Rodrigues Guimarães Mendes, denominada *A hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto a Sumidouro*, defendida em 2009, demonstrou que os estudos toponímicos, incluindo aqueles relacionados ao universo das águas, revelam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que ele se insere, confirmando a intensa ligação que o homem estabelece com os elementos da natureza no ato da nomeação.

Sabemos que os instrumentos onomásticos, de modo geral, e dentre eles, de modo particular, os nomes de lugares, são meios importantes de investigação linguística, reconhecidos também pela linguística histórica (BYNON, 1995, p. 263):

O outro caminho a ser explorado, a saber, a análise linguística de nomes de lugares, tem a indubitável vantagem para o pré-historiador (da linguagem) de o referente estar localizado (com precisão) no espaço geográfico e, em casos afortunados, os (mesmos) lugares serem mencionados em fontes escritas anteriores. Nomes de lugares que incluem nomes de povoados e de traços geográficos tais como montanhas e rios, tendem, como fósseis, a sobreviver mesmo a uma total substituição da língua. Seu potencial para formar uma ligação entre a arqueologia e a linguística é, conseqüentemente, considerável⁴.

⁴ “The one further avenue to be explored, namely the linguistic analysis of place-names, has the undoubted advantage to the prehistorian that the referent is squarely located in geographic space and that, in fortunate cases, places are mentioned in early written sources. Place-names, which include the names of settlements and of geographical features such as mountains and rivers, tend like fossils to survive even total language replacement. Their potential for forming a link between archaeology and linguistics is therefore considerable.”

A tese de doutorado, *Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas*, defendida por Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos em 2012, evidencia essa importância. Depois de trabalhar com um corpus total de 2.881 hidrônimos, divididos em dois tipos de fontes, as pretéritas, com 176 hidrônimos, e as contemporâneas, com 2.705, o pesquisador propôs estabelecer padrões motivacionais tanto para as fontes pretéritas como para as contemporâneas, buscando ainda correlacionar a área fitogeográfica e a toponímica, a partir da ocorrência do topônimo Buriti. Propôs, também, ampliar a classificação da taxa dos hidrotopônimos. Dada a alta frequência de sintagmas toponímicos com preposição “de”, presente nos dados contemporâneos, buscou discutir tais estruturas em correlação com a atribuição de papéis semânticos, o que, por sua vez, permitiu alguns diálogos com a história social local.

Levando-se em conta as considerações advindas da Análise, tanto dos dados pretéritos quanto dos contemporâneos, faz-se necessário reiterar a importância dos estudos toponímicos para a recuperação e manutenção do *modus vivendi* de povos que gravaram, nos acidentes físicos e humanos, sua peculiar mundividência/cosmovisão. Tal cosmovisão, sobretudo a partir da Análise de cartas/mapa antigos e mapas contemporâneos, pode ser percebida pela distribuição das taxas de Natureza Física e Antropocultural, as quais podem configurar determinados padrões motivacionais em determinada época, e estes, à luz da História Social, podem sobrelevar aspectos históricos e ideológicos importantes, quando da nomeação dos lugares. Além disso, reitera-se a relevância de estudos regionais como este para o futuro mapeamento onomástico-toponímico do território brasileiro, em suas diversas manifestações regionais e locais. (ANJOS, 2012, p. 314-315)

Como já salientado, dos 85.391 topônimos registrados em cartas geográficas referentes aos 853 municípios mineiros, contabilizamos 8.441 nomes de origem indígena e 1.480 de origem africana, não se podendo esquecer os híbridos (africano + português, indígena + português, africano + indígena, indígena + africano), que somam 2.281 ocorrências.

Sabendo que os contatos linguísticos e culturais entre os povos costumam ser registrados e conservados nos nomes de lugares, Emanoela Cristina Lima, em sua pesquisa de mestrado, defendida em 2012,

intitulada *A toponímia africana em Minas Gerais*⁵, concluiu, dentre outros aspectos, que as palavras de origem banto são predominantes na toponímia mineira; dos 1.480 africanismos que compõem o corpus, 898 são de origem banto, sendo, também, bastante recorrentes os hibridismos, principalmente os formados por banto + português. Quanto à motivação predominante – a taxonomia –, prevaleceram os sociotopônimos (nomes motivados pelas atividades sociais do homem).

Em um estudo regional sobre *A toponímia da região central de Minas Gerais*, Patrícia de Cássia Gomes Pimentel, em sua pesquisa de mestrado, defendida em 2015, ratificou o predomínio da base banto para os termos africanos, conforme Lima já havia constatado em 2012, e da base tupi para os termos indígenas. Constatou, também, nessa região, um número bastante significativo de hibridismos africano/português e indígena/português. Por sua vez, a análise das taxonomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de origem africana, a maior ocorrência foi a das taxonomias de natureza antropocultural, com predomínio dos sociotopônimos; em contrapartida, para os topônimos de origem indígena, o maior número verificado foi o das taxonomias de natureza física, enquanto a motivação mais frequente está relacionada ao ambiente, mais especificamente às plantas e à vegetação, os fitotopônimos.

Atualmente, todos os nomes de origem indígena constantes nesse banco de dados estão sendo estudados por Pimentel. Sua tese de doutorado, *A toponímia indígena de Minas Gerais*, deverá ser defendida no início de 2022. Uma outra tese de doutorado que está em curso, também no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, é *O tupi na hidronímia maranhense*⁶, do doutorando Edson Lemos Pereira. Essa pesquisa se volta, portanto, para a toponímia maranhense, com foco na hidronímia de origem indígena.

Das taxonomias toponímicas estabelecidas por Dick (1990), algumas foram estudadas tendo como *corpora* o banco de dados do ATEMIG e o de dados históricos, elaborado por Santos, Seabra e Costa, disponibilizado no repositório de toponímia (SANTOS; SEABRA; COSTA, 2017).

Outras teses se destacam, utilizando-se desses bancos de dados, com análises sincrônicas e diacrônicas, confecção de mapas toponímicos

⁵ Trabalho coorientado por Sônia Maria de Melo Queiroz.

⁶ Trabalho coorientado por Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA).

e glossários: *Hagiotoponímia em Minas Gerais*, defendida em 2014 por Ana Paula Mendes Alves de Carvalho; *Litotoponímia mineira*, defendida em 2018 por Maryelle Joelma Cordeiro; *A zootoponímia em Minas Gerais*, defendida também em 2018, por Cassiane Josefina de Freitas. Em curso, encontram-se as pesquisas de doutorado de Emanoela Cristina Lima Cotta, intitulada *A sociotoponímia em Minas Gerais*; a de Marianna De Franco Gomes, sobre *A ergotoponímia mineira* e a de Jéssica Nayra Sayão de Paula, sobre a *Historiotoponímia mineira*.

Destaca-se ainda a pesquisa de mestrado de Marianna de Franco Gomes, defendida em 2019, sobre os *Geomorfotopônimos históricos* de Minas Gerais. Essa dissertação é um desdobramento do Projeto Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino, realizado entre 2014 e 2016, no Centro de Referência em Cartografia Histórica da UFMG (CRCH-UFMG).

Estudar nomes de logradouros urbanos, dentre eles ruas, bairros, becos, praças etc., décimo objetivo do Projeto ATEMIG, foi a finalidade da pesquisa de Zuleide Ferreira Filgueiras, com o estudo *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*, dissertação defendida em 2011. Sabendo que a capital mineira havia recebido logo no início da sua construção, no final do século XIX, imigrantes italianos que vieram atraídos pelas oportunidades de trabalho, a pesquisadora consultou todos os nomes de logradouros da cidade de Belo Horizonte, selecionando, dentre esses, os topônimos motivados por antropônimos de origem italiana. Com os resultados de sua pesquisa, demonstrou como é importante um trabalho de cunho onomástico, que valoriza as tradições e a memória, comprovando que o estudo dos nomes de lugares possibilita acessar um passado histórico, já que evidencia marcas da história social (formação étnica, processos migratórios, sistema de povoamento de uma região administrativa). Outros resultados relevantes nessa pesquisa foram a significativa presença da toponímia paralela, revelada por 57,92% dos informantes que citaram outros nomes pelos quais os logradouros são conhecidos, e o alto índice de variação e mudança, 83,61%.

Outras pesquisas sobre a toponímia urbana realizadas no âmbito da Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos advieram: em 2017, a pesquisadora Fernanda Lellis Fernandes Loureiro Gontijo defendeu a dissertação *História e cultura do centro-oeste mineiro retratadas na antropotoponímia da cidade de Bom Despacho*. Nesse

estudo, Gontijo mostra que o processo de nomeação de um lugar vai muito além de seu aspecto puramente linguístico, pois ele carrega o conhecimento histórico, social, geográfico, cultural, econômico e político de uma região e de uma comunidade. Ao investigar as denominações antroponímicas de logradouros (ruas, avenidas, becos e praças) no perímetro urbano da cidade mineira de Bom Despacho, constatou que a motivação toponímica da sociedade bom-despachense está ligada a títulos de pessoas influentes, como militares, políticos, médicos e religiosos, concluindo que os dados ratificam a importância do estudo da toponímia urbana como um instrumento de resgate da memória de um povo perpetuada por meio dos nomes de ruas.

O léxico antroponímico pode ser compreendido como um indicador linguístico-cultural, no qual a língua retrata a visão de mundo de um povo e evidencia a inter-relação que se estabelece entre o linguístico e o mundo biossocial. O signo toponímico corresponde ao signo linguístico na função designativa de um espaço geográfico. Nessa função, segundo Dick (1980, p. 290), ele representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado” e evidencia a realidade do ambiente físico e antropocultural de uma dada região na medida em que revela suas características. (GONTIJO, 2017, p. 135)

Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais é o título da tese de doutorado, defendida em 2017, de Glauciane da Conceição dos Santos Faria. Após análise do corpus dessa pesquisa, constituída de 410 dados, Faria propõe uma nova classificação para os antropotopônimos, que passam a se dividir em: antropotopônimos, antrotopotopônimos, antrotopotopônimos e antrotopotopônimos. Apresenta, ainda, um dicionário biográfico, composto pelos antropônimos em destaque.

A antropotoponímia da cidade de São João del-Rei – MG, tese de doutorado de Celso Reis Macedo, defendida em 2021, investigou 1.022 nomes de lugares que têm como motivação nomes de pessoas, registrados na cidade setecentista mineira de São João del-Rei. A análise foi feita partindo de dados contemporâneos, isto é, do nome atual do logradouro – procurando conhecer seu histórico – e o nome no passado. Foram observados casos de variação e mudança do topônimo ao longo dos séculos.

Axiotopônimos: um estudo dos logradouros públicos da cidade de Betim (MG), dissertação de mestrado defendida em 2021 por Jeander Cristian da Silva, soma-se aos estudos sobre toponímia urbana. Contudo, se caracteriza por ser o primeiro estudo sobre os axiotopônimos no contexto do projeto ATEMIG. Dentre outros resultados, a análise mostra maior frequência de manutenção toponímica e reforça a tese de Faria (2017) de que os axiotopônimos poderiam ser considerados uma subtaxe dos antropotopônimos e, por isso, poderiam ser chamados de antropo-axiotopônimos. Esse tema continua a ser o objeto de pesquisa de Silva, que, em seu doutorado, iniciado em março de 2021, trata da *Axiotoponímia em Minas Gerais*. Em curso também há em uma tese de doutorado que deverá ser defendida em março de 2022: Letícia Rodrigues Guimarães Mendes vem estudando os nomes de logradouros públicos, os antropônimos que nomeiam as ruas na cidade de Pedro Leopoldo, no estado de Minas Gerais.

Os aspectos revelados a partir desses estudos sobre toponímia urbana retratam fazeres históricos e socioculturais. São importantes porque preservam a memória, a história e a identidade da região estudada, muitas vezes esquecidas.

Os estudos sobre o léxico toponímico rural têm chamado a atenção em muitas de nossas pesquisas, principalmente por deixarem à vista uma microtoponímia não identificada em mapas do IBGE. Essa microtoponímia, classificada como uma variedade *não standard*, não se identifica com a usada por determinados grupos sociais, fundamentalmente cultos ou de alto nível socioeconômico encontrados nas grandes cidades. Sobre esse tema, destaca Esquivel:

A propriedade de urbanização implica também a escritura. A representação do *standard* por meio de um alfabeto comum, de acesso universal, ajuda no cumprimento das funções unificadoras e de marco de referência, características da variedade. Se exige desta, com a primeira função, que seja elemento de coesão entre as distintas variedades espaciais da língua, e, com a segunda, que seja modelo mediante o qual se fixam os princípios pelos quais se rege a comunidade linguística. Este modelo se converte no ideal ao qual nenhum falante pode chegar totalmente. Graças à escritura

se consegue para toda a comunidade uma representação visível, e portanto praticável, do mesmo⁷. (ESQUIVEL, 2001, p. 17-18)

Mesmo coexistindo na língua com a variedade *standard*, a variedade *não standard*, dialetal ou regional costuma ser fundamentalmente oral e ter uma escrita que se restringe a comunidades locais, com pouca capacidade irradiadora.

Tendo como objetivo estudar topônimos concentrados em áreas rurais, a pesquisa de mestrado de Jacqueline Helen de Lima, denominada *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*, defendida em 2021, descreve e analisa os topônimos presentes na área rural dos municípios de Alto Caparaó, Caparaó e Espera Feliz, grandes produtores de café na região da Serra do Caparaó, no leste de Minas Gerais. Além de apontar a predominância de antropotopônimos na nomeação das localidades rurais, refletindo as questões sociais e históricas da ocupação por meio da posse de terras, a pesquisa destaca o acidente físico “córrego”, significando “conduto natural de água” e a sua variedade *não standard*, cujo significado é “lugar estreito entre montanhas, desfiladeiro”, acepção desconhecida nas cidades brasileiras.

Dentre as pesquisas de pós-doutorado realizadas na área da onomástica, destacam-se os estudos de Ana Paula Mendes Alves de Carvalho sobre a *Presença de toponímia religiosa na denominação dos municípios brasileiros (2019-2021)* e o *Estudo toponímico bilíngue (Português/Libras) dos patrimônios arquitetônicos tombados de Feira de Santana-Bahia (2018-2019)*, de Liliane Lemos Santana Barreiros.

Conforme exposto, esses estudos desenvolvidos na UFMG, nas duas últimas décadas, tiveram como tarefa preliminar coletar material linguístico, seja em modalidade escrita, buscando em mapas contemporâneos, históricos e em documentos pretéritos; seja em

⁷ La propiedad de urbanización implica también la escritura. La representación del estándar por medio de un alfabeto común, de acceso universal, ayuda al cumplimiento de las funciones unificadora y de marco de referencia, características de la variedad. Se exige de esta, con la primera función, que sea elemento de cohesión entre las distintas variedades espaciales de la lengua, y, con la segunda, que sea modelo mediante el cual se fijan los principios por los que se rige la comunidad lingüística. Este modelo se convierte en el ideal al que ningún hablante puede llegar totalmente. Gracias a la escritura se consigue para toda la comunidad una representación visible, y por tanto practicable, del mismo.

modalidade oral, através de gravações, em observação *in loco*. Foram anos de muito trabalho que motivaram pesquisas importantes, como estudos sociolinguísticos de cunho histórico, estudos sincrônicos e diacrônicos, estudos regionais e, ainda, estudos rurais. Como toda pesquisa que envolve a sociedade, os nomes de lugares constituem um terreno fértil para investigações linguísticas e, certamente, há muito o que ser explorado nesse campo.

3.2 Pesquisas antroponímicas na UFMG

Como em outras universidades brasileiras, o número de pesquisas antroponímicas é, ainda, bem incipiente. No Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin-Fale-UFMG), nos últimos anos, podem ser citadas as dissertações de mestrado de Fernanda Flores Amorim Pereira, defendida em 2011, sobre *Uma descrição do uso dos apelidos em Cláudio*⁸, como também a de Jéssica Nayra Sayão de Paula, defendida em 2017, que versa sobre as *Atas novecentistas do IHGMG: edição e proposta de dicionário biográfico*⁹; além da tese de doutorado de Zuleide Ferreira Filgueiras, defendida em 2016, intitulada *Italianos em Belo Horizonte: um estudo léxico-social e proposta de dicionário*.

O primeiro estudo, a partir da lista de telefone intitulada *Apelista*, descreve, analisa e procura entender o hábito dos claudienses de apelidar os moradores da cidade mineira de Cláudio. Por sua vez, o segundo volta-se a dados escritos do início do século XX, ao editar as primeiras atas do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), no período de 1916 a 1929. Depois de editadas, selecionaram-se 303 nomes de pessoas para a confecção de um dicionário biográfico, de cunho enciclopédico. O terceiro trabalho citado, uma tese, possibilitou conhecer pessoas de origem italiana que trabalharam na construção de Belo Horizonte e que viveram na cidade em seus primeiros anos.

Todas são pesquisas que reafirmaram a relevância dos estudos onomásticos – antroponímicos – para o conhecimento de aspectos históricos, econômicos e socioculturais dos papéis exercidos por pessoas desses distintos grupos sociais e dos espaços que ocupam e ocuparam no passado.

⁸ Trabalho orientado por Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani.

⁹ Trabalho orientado por Márcia Cristina de Brito Rumeu e coorientado por Maria Cândida Trindade Costa de Seabra..

3.3 Outras pesquisas sobre nomes próprios na UFMG

Dentre os outros estudos sobre nomes próprios, já considerados por Vasconcelos (1928), destaca-se a dissertação de mestrado de Antonio Jorge de Souza sobre oniônimos intitulada *Criação lexical em textos publicitários: análise de oniônimos*¹⁰, defendida em 2019. Segundo Souza (2019, p. 27),

Os Oniônimos, subárea que tem em Guérios (1973) seu idealizador, constituem um campo dentro da grande área onomástica. Do grego, ónion ou ónia, “artigo comercial”, em composição com ónyma, “nome”, temos oniônimo (Guérios, op. cit.), denominação adotada pelo autor por acompanhar as de topônimo, antropônimo e outras do mesmo segmento. Sob essa perspectiva, Guérios define onionímia como a disciplina que se ocupa dos estudos dos nomes próprios de artigos ou produtos das indústrias.

Em sua dissertação, Souza (2019) teve por objetivo estudar nomes próprios de marcas e produtos industrializados, por meio do processo de neologia lexical estilística, utilizando como corpus textos publicitários de revistas que circulam em âmbito nacional (*Veja, IstoÉ e Época*).

Completando cinquenta anos, em 1971, a onionímia já havia sido objeto de estudo da professora Norma Lúcia Horta Neves, com a pesquisa de doutorado *Nomes próprios comerciais e industriais no português: um aspecto da nomenclatura do comércio e da indústria em Belo Horizonte*¹¹, defendida no curso de pós-graduação da Fale/UFMG.

Diferentemente da toponímia e da antroponímia, os nomes comerciais costumam ser marcados pela volatilidade. Pioneira em estudo dessa área, Neves já afirmava que “[...] é de extrema mobilidade o léxico da propaganda comercial, pois além de refletir a agitada vida do comércio, ele deve acompanhar o progresso da ciência e da técnica” (NEVES, 1971, p. 135). Seu trabalho é pouco conhecido, mas constitui uma referência importante para quem quer estudar nomes próprios comerciais.

¹⁰ Trabalho orientado por Aderlande Pereira Ferraz.

¹¹ Trabalho orientado por Ângela Vaz Leão.

4 Considerações finais

Conforme descrevemos neste artigo, buscamos apresentar os estudos onomásticos desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFMG, nesses primeiros vinte anos do século XXI. Nesse cenário, pudemos perceber que o interesse pelos estudos toponímicos tem sido uma constante. Contudo, o nome próprio tem inspirado pesquisas também em outras áreas da onomástica, a saber, antroponímia e onionímia.

Tendo todos os estudos sido realizados com critérios científicos, buscando sempre produzir o melhor, estamos presenciando agora vários ex-alunos formando suas equipes de trabalho e dando continuidade ao estudo do nome próprio, desenvolvendo novas pesquisas, acrescentando novos enfoques e novas tecnologias que o mundo contemporâneo oferece.

Seja apresentando semelhanças, seja apresentando diferenças, seja destacando identidades, o estudo do nome próprio ultrapassa o tema da língua e faz eco na experiência e na história do homem. Todavia, é por meio de seu registro e de seu exercício na língua que esse nome se faz memória.

Referências

ANJOS, M. A. L. *Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas*. 2012. 331 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-8Y4Q5E>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

ARISTÓTELES. *Organon VI: Elencos Sofísticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Coleção Os Pensadores.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2, 1990, Brasília. *Anais...* Brasília: [s. n.], 1990. p. 152-158.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BYNON, T. Can there ever be a prehistorical linguistics? *Cambridge Archaeological Journal*, London, v. 5, n. 2, p. 261-265, 1995.

CARVALHO, A. P. M. A. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 821 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/MGSS-9PMR2U>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

CARVALHO, M. E. F. *Língua e cultura do norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*. 2010. 225 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-95PNBJ>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CORDEIRO, M. J. *Litotoponímia mineira*. 2018. 542 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-B8AFPE>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAUZAT, A. *Dictionnaire étymologique des noms de famille et prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH-USP, 1990.

DICK, M. V. P. A.; SEABRA, M. C. T. C. de. Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolinguística da toponímia brasileira. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 6, p. 64-91, 2002.

DURANTI, A. *Antropología lingüística*. Madri: Cambridge University Press, 2000.

ESQUIVEL, F. M. C. *La lexicografía em las variedades no-estándar*. Jaén: Universidade de Jaén, 2001.

FARIA, G. C. S. *Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais*. 2017. 686 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-AU2G47>>. Acesso em: 6 ago. 2021.

FILGUEIRAS, Z. F. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. 2011. 349 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/DAJR-8H5TJ4>>. Acesso em: 6 ago. 2021.

_____. *Italianos em Belo Horizonte: estudo léxico-social e proposta de dicionário*. 2016. 997 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/MGSS-AAPJ5Y>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FREITAS, C. J. *A zoootoponímia em Minas Gerais*. 2018. 504 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-B46JL5>>. Acesso em: 6 ago. 2021.

GOMES, M. F. *Geomorfotopônimos históricos*. 2019. 224 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-BAAMLC>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

GONTIJO, F. L. F. L. *História e cultura do centro-oeste mineiro retratadas na antropotoponímia da cidade de Bom Despacho*. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-ANBR5U>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

HYMES, D. *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper and Row, 1964.

HOUGH, C. (ed.). *The Oxford handbook of names and naming*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. *Proceedings of the XIth International Congress of Linguistics*. Bologna: Mulino, 1974. p. 825-851.

LAPLANTINE, F. *La description ethnographique*. Paris: Nathan, 1996.

LEITE DE VASCONCELLOS, J. L. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

LIMA, E. C. *A toponímia africana em Minas Gerais*. 2012. 215 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-96LNKL>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

LIMA, J. H. *A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó*. 2021. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MACEDO, C. R. *A antropotoponímia da cidade de São João del-Rei – Minas Gerais*. 2021. 1235 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/35755>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MENDES, L. R. G. *Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*. 2009. 260 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-8T9PMB>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MENDES, T. M. *Léxico toponímico de Diamantina: língua, cultural e memória*. 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-8TEFD7>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

MENEZES, J. M. C. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. 2009. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/ALDR-7R6HCK>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MILL, J. S. *A system of logic, ratiocinative and inductive*. 8. ed. New York: Harper & Brothers, 1882.

NEVES, N. L. H. *Nomes próprios comerciais e industriais no português: um aspecto da nomenclatura do comércio e da indústria em Belo Horizonte*. 1971. 201 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1971.

PIMENTEL, P. C. G. *A toponímia da Região Central mineira*. 2015. 272 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/MGSS-A7DNGM>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PEREIRA, F. F. A. *Uma descrição do uso dos apelidos em Cláudio*. 2011. 196 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-8SSTDZ>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

PLATÃO. *Crátilo*: diálogo sobre a justeza dos nomes. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1963.

SANTOS, J. G. *O nome e o lugar: a toponímia na região central de Minas Gerais*. 2012. 243 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-95PNBJ>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SANTOS, M. M. D.; SEABRA, M. C. T. C.; COSTA, A. G. (org.). *Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas*. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFGM); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG). 2017. Disponível em: <http://repositoriotoponomia.com.br/>

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SAYÃO DE PAULA, J. N. *Atas novecentistas do IHGMG [manuscrito]*: edição e proposta de dicionário biográfico. 2017. 380 f. Dissertação

(Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-AY8QBY>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

SEABRA, M. C. T. C. Pesquisa Toponímica em Minas Gerais: contribuições do projeto ATEMIG.. In: MALUF-SOUZA, O.; SILVA, V.; ALMEIDA, E.; BISNOTO, L. S. J. (orgs.). *Discurso, sujeito e memória*. Campinas: Pontes Editores, XXXXX 2012.

SEABRA, M. C. T. C. A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo. 2004. 368 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/ALDR-64KQ9A>> Acesso em: 02 ag. 2021.

SILVA, J. C. *Axiotopônimos: um estudo dos logradouros públicos da cidade de Betim (MG)*. 2021. 440 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/35876>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SOUZA, A. J. *Criação lexical em textos publicitários: análise de onônimos*. 2019. 109 f. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/31678>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução a ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. 4. ed. Lisboa: 1977.

Recebido em: 28 de setembro de 2021.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2021.